

INTRODUÇÃO

Com a concretização do Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, foi-nos indicado realizar, como trabalho final, um Relatório de Estágio do Ensino da Prática Supervisionada.

O seguinte Relatório contém uma organização executada por valências, ou seja, apresenta um 1º capítulo que é relativo ao estágio realizado na valência do Ensino no Pré-Escolar, e um 2º capítulo, que aborda os conteúdos do estágio feito no Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Assim sendo, o relatório engloba o seguinte: apresentação das instituições de estágio (caracterizações das comunidades envolventes e das instituições onde se realizou o estágio; trabalho pedagógico em sala de aula e os trabalhos mais significativos realizados em ambas as valências); caracterizações dos grupos de crianças com quem estive a estagiar; referência aos dilemas encontrados durante a realização do estágio, sendo o do Pré-escolar relativo à importância da gestão do espaço e do tempo e, o do 1º Ciclo, direcionado à questão da Relação Escola-família; duas conclusões, respetivas aos capítulos e uma conclusão final; as referências bibliográficas e, por fim, os anexos.

CAPÍTULO I – PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA I E II

1. Apresentação da prática profissional no Ensino Pré-Escolar

1.1. Caracterização da comunidade envolvente

No ano letivo 2010/2011 o Jardim de Infância onde realizámos a minha prática de ensino supervisionada I e II foi o Centro Cultural e Recreativo das Crianças do Cruzeiro e Rio Seco situado em Alcântara, uma freguesia do concelho de Lisboa.

A freguesia de Alcântara data de 8 de Abril de 1770 e localiza-se a sul de Lisboa. Segundo o *site* da Junta de freguesia de Alcântara, o nome da freguesia vem do árabe “*Al-Kantara*”, que no português significa ponte.

Segundo a informação que foi disponibilizada a partir da Junta de Freguesia de Alcântara, a freguesia dispõe de 14 mil e 443 habitantes, sendo 6489 do género masculino e 7954 do género feminino. A área total da freguesia é de 441.7 hectares, ocupados por espaços verdes, edifícios de educação, edifícios de habitação, estradas e comércio local. Tão importante é de referir, que a freguesia em questão é rica em estabelecimentos de património cultural.

Segundo o que foi possível apurar no *site* da empresa *Carris*, é possível observar que existem autocarros e elétricos disponíveis que dão acesso à instituição, e por sua vez, ao meio envolvente.

1.2. Caracterização da Instituição

O Jardim de Infância, Centro Cultural e Recreativo das Crianças do Cruzeiro e Rio Seco situa-se na Rua D. João Castro n.º 86 em Alcântara, Lisboa.

O Jardim de Infância foi fundado a 13 de fevereiro de 1976 com o apoio de uma associação de moradores, e iniciou-se onde é hoje a escola primária (constituente do mesmo agrupamento).

O Centro Cultural e Recreativo das Crianças do Cruzeiro e Rio Seco é uma instituição correspondente a um agrupamento horizontal disponibilizando assim o ensino das três valências: Creche, Jardim de Infância e Escola do Ensino Básico do 1º

Ciclo. Segundo as normas estabelecidas na Instituição, a Creche e o Jardim de Infância são compartilhados pelas famílias de acordo com uma tabela mensal que tem em vista o rendimento “*per capita*” do agregado familiar (consideradas Instituições Particulares da Segurança Social), sendo que a Escola do Ensino Básico do 1º Ciclo é particular.

Apesar da existência das três valências, estas decorrem em diferentes edifícios. O Jardim de Infância situa-se num prédio habitacional, mais propriamente num 1º andar, mas é um bloco único porque a sua entrada não faz parte do prédio (entrada independente).

O Jardim de Infância dispõe de quatro salas de atividades, um refeitório, uma sala de isolamento, uma cozinha, uma despensa, uma secretaria, um gabinete de Direção e duas casas de banho (crianças e pessoal docente/ não docente). O Jardim de Infância não possui um recreio, sendo este realizado na Escola do Ensino Básico do 1º Ciclo, onde nesta existe também o pavilhão Gimnodesportivo. Importa dizer que a sala 8 é considerada uma sala de atividades mas, também, a partir das 12:00h, a sala do dormitório.

Em termos de recursos humanos, após uma observação e consulta do Regulamento Interno, o Jardim de Infância dispõe de quatro educadoras infantis, cinco professores de ensino de atividades de enriquecimento curricular, uma Diretora Pedagógica, uma Coordenadora Pedagógica, uma Médica Pediatra, uma rececionista, uma empregada responsável pela limpeza, quatro auxiliares de ação educativa, uma cozinheira e três ajudantes, dois motoristas e um vigilante e noventa e seis crianças (trinta e duas crianças de três anos, trinta e três de quatro anos e trinta e uma de cinco anos).

O horário de funcionamento do Jardim de Infância é das 08:00 horas às 19:00 horas. O Período Letivo decorre de setembro a julho.

Relativamente ao Projeto Educativo não foi facultado. Segundo a Coordenadora Pedagógica e uma educadora de infância o Jardim de Infância rege-se por diferentes metodologias, mas no que respeita à avaliação, esta é feita a partir de um modelo existente na Associação Mundial de Educadores de Infância (AMEI).

1.2.1. Articulação da Instituição com a Comunidade/Família.

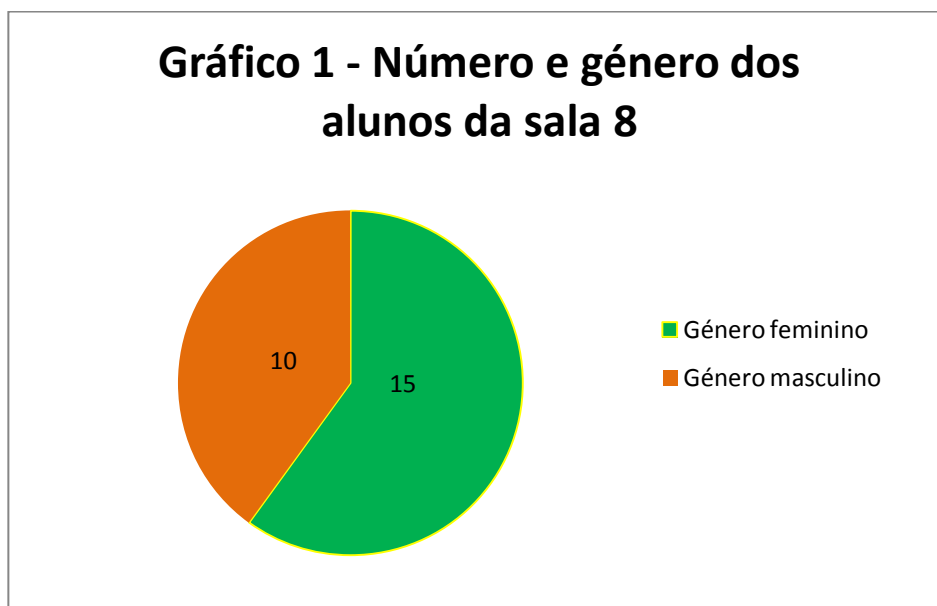
O Jardim de Infância tem parceria com as Juntas de Freguesia da Ajuda e de Alcântara, sendo esta informação prestada pela Coordenadora Pedagógica.

A Instituição dispõe de diversas atividades (não letivas) como Rancho Folclórico, Centro de Apoio Escolar e Centro de convívio. Foi possível recolher, junto da Coordenadora, que a comunidade envolvente e a família das crianças participam ativamente nas atividades acima supridas.

Durante o ano letivo a Educadora Cooperante organizou algumas atividades nas quais a família participou vivamente.

1.3. Caracterização do grupo de crianças

O grupo de crianças com quem estivemos a estagiar continha vinte e cinco crianças - quinze raparigas e dez rapazes- com idades compreendidas entre os três e os cinco anos. Sendo assim, formavam um grupo heterogéneo composto por onze crianças de cinco anos, sete crianças de quatro anos e sete crianças de cinco anos.



A partir dos dados disponibilizados pela Educadora Cooperante, relativamente ao agregado familiar das crianças, foi possível que a maioria pertence a famílias de níveis socio económicos médio altos, sendo os parentes, licenciados.

Relativamente à participação nas atividades extracurriculares, somente três crianças não integram nenhuma atividade. As restantes participam em atividades como a dança, música, natação, aulas de língua inglesa e ginástica rítmica.

Na sala existiam diversas áreas de brincadeira e as crianças brincam em todas elas. Foi possível observar a formação de grupos, especificamente por idades, ou seja, as crianças dos três anos brincavam maioritariamente com as crianças da sua idade e o mesmo acontecendo com as restantes crianças.

A relação que as crianças criavam entre si era de confiança e de plena amizade porque era visível observar, em diversas situações, o carinho que todas manifestavam em ajudar os outros, até mesmo, em participar nas atividades propostas em contexto de sala de aula, ajudando-se umas às outras. Era inevitável existir conflitos entre o grupo de crianças, mas facilmente estas conseguiam repará-los democraticamente, independentemente das diferenças de idades que existia entre elas. Assim sendo, foi possível observar nas crianças a interiorização das regras impostas pela Educadora Cooperante, assim como, interesse e demonstração de saber, relativamente à rotina diária.

Após questionar as crianças foi-nos possível perceber que as atividades preferidas das crianças no exterior do Jardim de Infância, ou seja, fora das atividades letivas, eram essencialmente jogar à bola, visualizar programas de televisão e brincar com brinquedos (pessoais).

1.4. Trabalho pedagógico em sala

1.4.1. Organização do espaço

O Projeto Curricular de Sala não nos fora facultado pela Educadora Cooperante. A sala onde estive a estagiar era a número 8 e tinha como responsável a Educadora que cooperou comigo e uma auxiliar de ação educativa.

A sala continha cinco áreas distintas: Área do Acolhimento, Área da Casa, Área dos Blocos, Área das Expressões e Área das Novas Tecnologias. Nestas eram realizadas diversas atividades, desde a brincadeira do faz-de-conta das crianças às atividades que eram propostas por mim e pela Educadora Cooperante (Anexo 1- Planta da sala 8).

Não só constituída pelas áreas acima indicadas, a sala de atividades também dispunha de diversos materiais para as crianças e Educadora, assim como de mesas e cadeiras para se realizar as atividades. Visto que a sala 8 fora a sala indicada para se concretizar o dormitório, era nela que estavam arrumadas as camas.

1.4.2. Organização do tempo

A rotina era um aspeto muito importante dentro da sala de atividades, sendo que, as crianças tinham bem inculcido o tempo e o que nele se fazia.

O tempo na sala 8 estava organizado da seguinte estrutura: às 08:00 horas as crianças davam entrada na sala; às 08:30 horas, o grupo de crianças comia o lanche da manhã e às 09:00 horas a Educadora Cooperante dava entrada na sala fazendo o acolhimento com as crianças até às 09:30 horas.

Das 09:30 horas às 10:45 horas as crianças realizavam as atividades pré definidas pela educadora e/ ou brincavam pelas áreas da sala e era arrumada a sala até às 11 horas, hora em que as crianças dos quatro e cinco anos eram distribuídas pelas outras salas e as dos três anos realizavam a higiene para irem almoçar.

O almoço das crianças dos três realizava-se das 11:30 horas às 12:00 horas. A hora de repouso é feita das 12:00 horas às 15:00 horas. Às 15:00 horas as crianças do dormitório (assim como as restantes crianças) são levantadas/ preparadas para a hora do lanche, que era às 15:30 horas. Das 16:00 horas às 19:00 horas eram realizadas atividades livres, nas salas de atividades.

É importante anunciar que durante o nosso estágio de intervenção fizemos o total acompanhamento das crianças dos três anos, devido ao facto de a minha Educadora Cooperante ser a responsável por observar as crianças dos três anos da instituição durante o dormitório, sendo que a rotina apresentada refere-se ao grupo de crianças dos três anos, relativamente ao horário das 11:30 horas às 15:00 horas. O restante grupo, durante este momento, realizava atividades livres e/ ou ia ao recreio.

1.5. Trabalhos mais significativos em contexto de sala

Ao longo do ano realizei diversas atividades com as crianças, e todas elas tinham como principal objetivo, garantir a participação de todas as crianças nestas.

A primeira atividade que apresento fora realizada no dia 11 de maio de 2011 e tinha como objetivos principais o conhecimento e diferenciação dos diferentes meios de transporte, assim como, melhorar a motricidade fina, realizando trabalhos com o material plástico e moldável: plasticina (Anexo 2 – Planificação dia 3 de maio – Meios de transporte).

Inicialmente abordámos o tema dialogando sobre os meios de transporte conhecidos pelas crianças e depois, para complementação e consolidação de conhecimentos, as crianças realizaram, com plasticina, um meio de transporte à sua escolha. O resultado foi o seguinte:



Figura 1 - Trabalhos realizados com plasticina - Meios de Transporte

Uma outra atividade que se tornou significativa no meu estágio de intervenção em contexto Pré-Escolar foi na semana de comemoração do Dia da Mãe, que fora realizada por mim e as minhas colegas de estágio (Anexo 3 – Planificação dia 26 de abril – Dia da Mãe). A nossa atividade conjunta foi a concretização de uma peça de teatro que mostrasse às crianças a existência do Dia da Mãe e do significado deste. As crianças mostraram-se interessadas e contentes com o trabalho desenvolvido, assim como as Educadoras que cooperaram connosco durante o nosso estágio de intervenção.



Figura 2 - Cenário e personagens do teatro sobre o Dia da Mãe

2. DILEMA - Em que sentido, uma boa gestão do espaço e do tempo, influencia a aprendizagem das crianças?

2.1. Definição da problemática

O grupo com que estivemos a estagiar no ano letivo 2010/2011 no Centro Cultural e Recreativo das Crianças do Cruzeiro e Rio Seco continha vinte e cinco crianças de ambos os géneros, entre os três e os seis anos de idade.

Num olhar geral, o comportamento das crianças era o normal para uma turma heterogénea, visto que a sala englobava três idades diferentes que, entre elas, tinha de existir, essencialmente, um clima de confiança e de respeito. As crianças mais novas tinham a preocupação de brincar com as crianças da sua idade, enquanto as mais velhas, tinham brincadeiras conjuntas, o mesmo acontecia, quando eu e a Educadora Cooperante propúnhamos atividades.

Relativamente às atividades que concretizámos com as crianças, todas elas teriam de ser planificadas para um curto espaço de tempo, porque a sala onde estive a estagiar era a sala onde se realizava o dormitório. Sendo assim, às 11 horas da manhã, obrigatoriamente, teria de ter a sala pronta para se concretizar o dormitório. Deste modo, a nossa planificação ficou bastante limitada ao espaço e ao tempo, porque não poderíamos ter mais que uma hora de atividade com as crianças. As nossas planificações foram então demarcadas a estes conceitos, tendo em vista, a rotina que as crianças levavam com a Educadora titular.

O contexto institucional de educação pré-escolar deve organizar-se como um ambiente facilitador do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças. (DEB, 2007, p.31)

Tendo em conta o disposto nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, penso que o maior entrave com que nos deparámos na nossa prática pedagógica foi a falta de tempo, assim como, a limitação do espaço, como anteriormente expliquei. De todo, tentei evitar fugir à rotina levada pela Educadora Cooperante, assim sendo, as atividades que propusemos ao grupo foram atividades que pudessem ser concretizadas dentro do que planificava antecipadamente.

As atividades devem ser planeadas tendo em conta os grupos específicos de crianças (em função de língua, idade, capacidades). (Siraj-Blatchford, 2007, p.17)

O grupo englobava um conjunto de crianças de idades compreendidas entre os três e os seis anos, e as nossas planificações incidiram, principalmente, na distinção das idades para realizar a mesma tarefa. Isto é, as nossas planificações refletiram na diferenciação das idades, colocando todos os objetivos e competências a desenvolver e adquirir por cada idade. Assim sendo, as nossas propostas de atividades eram, habitualmente, realizadas em pequenos grupos, incentivando a interação entre as crianças e, possibilitar assim, a participação de todas as crianças nas tarefas propostas, dentro do curto espaço de tempo.

A gestão do tempo na sala de aula é extremamente complexa. Requer conhecimento do currículo, dos princípios da aprendizagem, de cada aluno na sala, e de boas práticas de gestão. (Arends, 1995, p.79)

Quando a gestão do espaço não é propícia a um desenvolvimento da aprendizagem da criança, a gestão do tempo fica parcialmente afetada porque, no nosso caso, não conseguimos gerir bem as atividades, estando limitadas a um curto espaço de tempo para as realizar, devido ao facto, de se concretizar o dormitório na sala onde decorriam as nossas atividades.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “a distribuição do tempo relaciona-se com a organização do espaço pois a utilização do tempo depende das experiências e oportunidades educativas proporcionadas pelos espaços. O tempo, o espaço e a sua articulação deverão adequar-se às características do grupo e necessidades de cada criança.” (p.40). Desta forma, pensamos que é relevante existir uma boa coordenação de espaço para que o tempo possa, positivamente, ser bem gerido. Estando limitadas ao espaço onde decorriam as atividades, muitas teriam de ser atividades pouco complexas, para que não retirasse nenhuma parte da rotina que as crianças levavam connosco.

Assim, a organização das rotinas numa sala de atividades de um Jardim-de-Infância é muito importante, para criar um espírito crítico e responsável nas crianças mais novas, assim também, ajudar na interiorização de tarefas que estas têm de realizar

como forma de se tornar mais autónomas. Esta definição de rotinas tanto é boa para o grupo de crianças, tal como, para o educador que consegue coordenar o tempo para que facilmente consiga gerir bem as suas propostas de atividades. Segundo Hohmann e Weikart (2009) [...] *a rotina diária proporciona um enquadramento operacional para pôr em movimento a aprendizagem pela ação* (p.227) o que apoia a criança e ajuda-a a ser mais independente e a criar um pensamento lógico relativamente à sua aprendizagem e ao seu desenvolvimento dentro do contexto educacional.

Uma boa gestão do tempo e do espaço ajudaria melhor o desenvolvimento do grupo de trabalho com que estivemos a estagiar, assim como, ter em conta outros grupos que futuramente poderemos vir a trabalhar. Este entrave dificultou-nos a nível da realização das tarefas que planificámos, não sendo o único entrave. O facto de a instituição não definir uma hora limite de entrada das crianças no Jardim-de-Infância, consistia um problema, mais propriamente, relativamente à concretização (ou não) das tarefas. Isto é, o facto de as crianças chegarem tarde à instituição fazia com que, em muitos casos, as atividades que nós propúnhamos nem sempre eram realizadas por estas pois, tendo o tempo limitado como já fora explicado, assim como, o espaço, as crianças chegavam, muitas vezes, na hora do almoço ou na hora em que eram distribuídas pelas restantes salas, o que fazia com que não estivessem tempo connosco durante a manhã.

É importante que o relacionamento com as crianças seja de confiança e de respeito, sentindo que esse relacionamento foi criado com o grupo no geral. Relativamente às crianças que faltavam regularmente, assim como as que chegavam tarde, não criaram uma ligação muito próxima connosco, o que tornava o nosso estágio complicado, no sentido da realização das atividades, que em muitos dias, se recusavam a fazer.

Além da recusa das tarefas, essas mesmas crianças não criaram um elo de ligação connosco, tornando-se para nós uma dificuldade, mais propriamente na realização da rotina, que não era cumprida pelas crianças, que também se recusavam a aceitá-la, visto que não era hábito seu tomar esta rotina como algo importante para elas. Para culminar este aspeto, decidimos que as crianças que diariamente se apresentavam na instituição, explicassem às crianças porque é que era tão importante comer a fruta de manhã; arrumar a sala; almoçar com os dois talheres; entre outros aspetos.

Em suma, e respondendo à questão inicial do dilema encontrado na concretização do nosso estágio de intervenção na instituição referida, penso que é bastante importante existir uma boa ligação entre o espaço e o tempo, assim como inculcar nas crianças a rotina da sala de aula, para que, para o educador e para as crianças, seja um elo facilitador da aprendizagem e da ligação que existe entre educador-aluno e aluno-aluno.

3. Conclusão

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) a “educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida” (p.17) onde as crianças adquirem conceitos e conhecimentos que levam com elas para a vida futura.

Para um bom desenvolvimento no âmbito da educação pré-escolar os profissionais devem seguir os objetivos dispostos nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar com o intuito de criar um clima dentro da sua sala de aula propício à aprendizagem das crianças. Tendo em conta que nos grupos há crianças com personalidades, gostos, ritmos de trabalho e necessidades diferentes, é importante adaptar atividades indo ao encontro destes aspetos. Um bom profissional, primeiramente, conhece a sua turma e adapta estratégias para que o efeito seja positivo nas aprendizagens e conhecimentos das crianças. Pensamos que estes objetivos, indiretamente, sempre estiveram em conta na organização das planificações mas, também, durante a intervenção, tentando sempre tornar a nossa postura correta, que fosse de exemplo para as crianças. Criar climas de aprendizagem propícios a um melhor desenvolvimento da criança, e o contacto com realidades diferentes à delas, foi um dos nossos objetivos, tornando-se por vezes, inalcançáveis.

Os educadores também deviam empenhar-se na autoavaliação. Refletir acerca das ações de avaliação, do planeamento e do ensino permite aos educadores identificarem as suas próprias áreas de desenvolvimento pessoal e profissional (Fisher, 2004, p.39).

Em suma, a postura como Educadora Estagiária não foi negativa, apesar de existirem alguns contratemplos. Sentimo-nos, em tempos, amedrontadas perante o nosso papel como estagiária, pois errámos, mas também é preciso ter uma consciência sobre o erro, para não o cometer de novo. Com o passar do tempo, com o diálogo junto da Educadora Cooperante e com a reflexão sobre a prática, a opinião é que desenvolvemos um bom trabalho dentro das nossas capacidades, tentando estabelecer um bom relacionamento com as crianças, com a Educadora Cooperante, com a auxiliar de ação educativa mas também com a restante comunidade educativa, que sempre se mostrou prestável em me ajudar no que necessitasse.

Este estágio possibilitou-nos a aquisição de mais competências relativamente àquelas que já tínhamos adquirido e aprendido em estágios anteriores, ajudando-nos a melhorar em aspetos que antigamente teria falhado e a otimizar, ainda, aqueles que já tínhamos alcançado positivamente no passado. É uma experiência efetivamente muito importante para a nossa vida futura, pois como estagiárias aprendemos bastante porque, além de adquirir mais “bagagem”, fomos também ajudadas, em tudo, pela Educadora Cooperante. Foi um estágio com o qual nos sentimos satisfeitas depois de olhar para os nossos resultados, depois de refletirmos sobre a nossa prática, depois de olhar para o grupo de crianças e saber, que apesar de tudo, sempre fomos aceites e queridas para ele.

CAPÍTULO II – PRÁTICA DO ENSINO SUPERVISIONADA III

1. Apresentação da prática profissional no 1º Ciclo do Ensino Básico

1.1. Caracterização da comunidade envolvente

No ano letivo 2011/2012, no 3º Semestre do Mestrado que nos encontramos a concretizar, estivemos a estagiar na Escola de 1º CEB n.º 31. A escola situa-se na rua Luís de Freitas Branco, no Lumiar.

A Freguesia do Lumiar data a 2 de abril de 1266 e é uma das 53 freguesias do concelho de Lisboa. O Lumiar está situado numa zona de Lisboa que é de fácil acesso, tendo como principais vias de acesso a Calçada de Carriche e o Eixo Norte-Sul. Os meios de transporte que dão acesso ao Lumiar são os autocarros das empresas Carris, Rodoviária de Lisboa e Barraqueiro e o Metropolitano de Lisboa.

A freguesia é bastante enriquecida pelo património, que até aos dias de hoje tem sido bastante rico e procurado pelas pessoas: monumentos (Museu do Traje e Museu do Teatro), Biblioteca Municipal Orlando Ribeiro, Escolas (públicas e privadas), Instituto Superior de Ciências e Educação (ISEC) e Instituto Superior de Gestão; e Hospitais (Pulido Valente e Hospital da Força Aérea).

A zona onde a escola se localiza é considerada de nível socioeconómico médio/alto com uma faixa etária elevada. A instituição localiza-se numa área com grandes aglomerados de residências e de serviços (farmácias, lojas de comércio tradicional, entre outros). O tipo de habitação que se pode observar perto da escola é, maioritariamente, prédios de quatro ou mais andares.

1.2. Caracterização da Instituição

A Escola de 1º CEB n.º 31 está situada no Lumiar e pertence ao agrupamento de escolas do Professor Lindley Cintra, que é um agrupamento vertical. Pertencentes a este agrupamento, encontramos o Jardim de Infância da Ameixoeira, Jardim de Infância do Lumiar, Escola do 1ºCEB n.º109 Eurico Gonçalves – Ameixoeira, Escola Básica nº204 – Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral Calouste Gulbenkian, Escola do 2º e 3º Ciclos – Lumiar e Escola Secundária do Lumiar.

A escola é composta por dois edifícios: um edifício onde são concretizadas as aulas e um outro edifício onde são realizadas as Atividades de Tempos Livres (ATL). Neste mesmo

local são acolhidas as crianças cujos familiares não têm a possibilidade de as deixar mais tarde na escola.

A Escola é constituída por: treze salas de atividades; oito instalações sanitárias para os alunos; duas instalações sanitárias para os adultos; duas instalações sanitárias para os alunos portadores de deficiências; uma sala de professores; um gabinete de Coordenação; uma sala das Assistentes Operacionais; uma biblioteca/ centro de recursos; um refeitório/ polivalente; uma cozinha desativada; uma dispensa/copa; duas arrecadações; recreio, campo de jogos, dois telheiros e edifício autónomo onde funciona o CAF, a cargo da Junta de Freguesia do Lumiar.

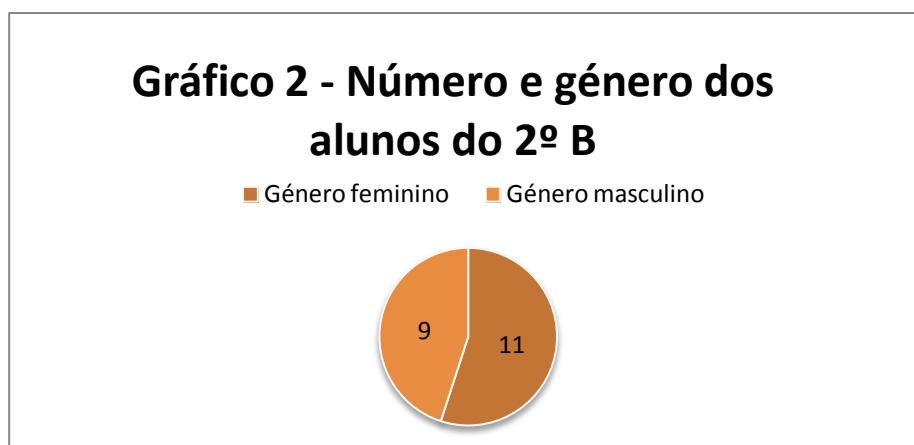
No presente ano letivo existem 283 alunos, havendo no total, 13 turmas. Do 1º ano existem quatro turmas, do 2º ano, quatro turmas; do 3º ano, duas turmas e, por fim, do 4º ano, existem três turmas. Relativamente à população docente, esta é constituída por treze docentes com turma, dois Professores de apoio sócio educativo, uma Professora de ensino especial, uma Coordenadora de Estabelecimento e uma Psicóloga. Respetivamente ao pessoal não docente, existem cinco assistentes operacionais.

Ao que concerne aos horários de funcionamento da escola, estes são os seguintes: das 09.00h às 12.30h é realizada a componente letiva; o almoço é efetuado das 12.30h às 13.45h e durante a tarde, das 13.45h às 15.15h, é novamente preenchido pela componente letiva. As Atividades de Enriquecimento Curricular são realizadas das 15.30h às 17.30h.

Relativamente ao Projeto Educativo, este não foi facultado.

1.3. Caracterização do grupo de crianças

O grupo com que nos encontramos a estagiar desde o mês de outubro do ano de 2011, é um 2º ano de escolaridade, mais propriamente um 2º B, tendo como docente titular de turma, a Professora Fátima Magro, que cooperará connosco até ao mês de março do ano de 2012.



A turma é constituída por vinte alunos, como pode ser observado no gráfico 2- "Número e género dos alunos do 2º B". Existem nove crianças do género masculino e onze crianças do género feminino. As crianças têm idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos de idade. A maioria das crianças é de nacionalidade portuguesa, existindo duas crianças com nacionalidade estrangeira: ucraniana e chinesa.

Das vinte crianças, importa dizer que, cinco não fizeram parte da turma que fora constituída anteriormente no 1º ano, isto é, três são crianças repetentes; uma criança foi transferida da escola da Ameixoeira e, uma última criança, foi transferida em setembro de 2011, de uma escola de outro país, para a Escola do 1º CEB n.º 31 do Lumiar.

Relativamente às crianças que usufruem do apoio do SASE, quatro são as crianças que têm direito ao escalão A deste subsídio e duas ao escalão B. Existe uma criança com Necessidades Educativas Especiais, mais explicitamente, com deficiência auditiva. As crianças que têm acesso ao apoio ao estudo, são cinco.

A turma, no geral, é uma turma unida, que sempre no que pode, se ajuda uns aos outros. As crianças tendem em criar os seus próprios grupos, mas sempre que lhes é questionado sobre as suas brincadeiras preferidas, estas dizem que é brincar com os colegas da turma no recreio, jogando à bola, ao faz-de-conta ou a outras brincadeiras, próprias de um recreio. As crianças que têm mais dificuldades nas diferentes áreas de conteúdo, são muitas vezes ajudadas pelas que têm um mais à-vontade nos conteúdos programáticos, sentindo assim que, existe de fato, uma união rica entre as crianças. É passível de observar que o recreio é algo que as crianças necessitam muito durante a manhã e também durante a tarde, porque é um momento onde as energias são soltas, as energias de trabalho são reforçadas e é um momento em que as crianças, certamente, se unem mais entre elas.

Como em qualquer turma, é observável certos conflitos habituais destas idades, mas através do diálogo, as crianças facilmente entendem que os erros não podem ser cometidos e que o diálogo entre as pessoas (neste caso entre elas) é muito importante.

1.4. Trabalho pedagógico em sala

1.4.1. Organização do espaço

A sala onde estagiamos no 3º Semestre do Mestrado de Qualificação para a docência, era a sala 2, localizada no piso inferior da Instituição.

A sala de atividades onde lecionamos continha duas portas (uma de acesso à sala, outra que dá acesso ao recreio), três janelas com vista para o recreio exterior; a secretária da professora; onze mesas com vinte e duas cadeiras (correspondentes aos lugares das crianças); três mesas de apoio (para colocação de materiais realizados ou para outros fins); quatro armários; uma estante para os manuais escolares; dois quadros de pedra e materiais de apoio às aulas (Anexo 4 – Planta da sala 2).

Estava ao dispor da Professora vários placards para colocação dos materiais realizados pelas crianças, assim como de quadros necessários ao dia-a-dia, tal como o Quadro do Comportamento ou o Mapa de Temperatura.

1.4.2. Organização do tempo

Ao que concerne aos horários da turma, estes são cumpridos segundo o Despacho n.º 19575/2006 de 25 de setembro que refere que devem englobar, semanalmente, oito horas de Língua Portuguesa, sete horas da área de conteúdo de Matemática, cinco horas relativas ao Estudo do Meio e as restantes horas são dedicadas às áreas de Expressões e outras.

Foi possível apurar junto da docente titular de turma que existe crianças a participar nas AEC (Atividades de Enriquecimento Curriculares), não me foi possível sim, saber quantas crianças participam em cada atividade. Como já fora referido na Caracterização da Instituição, estas atividades são desenvolvidas após o horário da componente letiva, ou seja, depois das 15:15 horas.

1.5. Trabalhos mais significativos em contexto de sala.

Tal como aconteceu na Prática Pedagógica na valência do Pré-Escolar, existiram atividades que se tornaram mais atrativas e agradáveis de realizar com as crianças, assim como de preparar. A primeira atividade que foi significativa realizar com o grupo

de crianças foi a dramatização da Lenda de S. Martinho. A atividade consistiu em reunir um número de crianças para ler a Lenda, um número de crianças para incorporarem as personagens e crianças para fazerem de sol e de chuva. Notei um forte entusiasmo sentido pelas crianças, que depressa se mostraram disponíveis para concretizar qualquer papel (Anexo 5 – Planificação - dia 11 de novembro).



Figura 3- Dramatização sobre a Lenda de S. Martinho

Uma outra atividade relevante que fora realizada em contexto do 1ºCEB foi a concretização de uma Árvore de Natal produzida com materiais recicláveis: jornal e rolos de papel higiénico. A atividade consistiu em cada criança pintar um rolo de papel higiénico e realizar, com uma folha de jornal, uma bola e pintá-la com uma cor a seu gosto. No final formou-se a árvore e colocou-se em exposição para que toda a comunidade da escola pudesse observar o trabalho produzido pela turma (Anexo 6 – Planificação - dia 15 de dezembro).



Figura 4 - Árvore de Natal realizada com material reciclável

2. DILEMA – Qual a importância da intervenção da família na educação/ aprendizagens das crianças?

2.1. Definição da problemática

Durante o ano letivo de 2011/2012 o estágio de intervenção foi realizado na Escola n.º 31 do Lumiar com a turma do 2º ano tendo como docente titular de turma, a Professora Fátima Magro.

No decorrer da nossa intervenção, o ponto facilitador foi o facto de existirem quatro dias de estágio. Ajudou-nos a recolher informação sobre as crianças, assim como, adaptar melhor a nossa postura dentro da sala de aula, dia após dia. A Professora Cooperante ajudou-nos no que podia, sendo as intervenções (nos dias definidos) organizadas por nós, tendo em conta os pontos do programa a ser trabalhados e os interesses das crianças. Assim sendo, o diálogo existia entre nós, no sentido de construir e planificar atividades adequadas ao grupo de crianças e ao programa.

Ao longo do nosso estágio de intervenção, deparámo-nos com diversas situações que para nós constituíram um problema, sendo uma delas, a desmotivação de algumas crianças que era visível nas aulas e a falta de apoio por parte da família na realização de diversos trabalhos que eram propostos para casa, entre outras condições desfavorecidas.

Assim sendo, enfrentámo-nos com um dilema que vai ao encontro da importância da família na educação escolar (relação que deve existir entre a escola e a família), assim como, do seu apoio no decorrer do desenvolvimento da criança ao longo dos anos escolares.

Com isto, a nossa pergunta/ o nosso dilema será: qual a importância da intervenção da família na educação/ aprendizagens das crianças? É uma questão que se torna difícil de responder, após algumas experiências na prática pedagógica, nomeadamente, a realizada no 3º Semestre do Mestrado que nos encontramos a concretizar. Esta questão surgiu após verificar diversos comportamentos dentro da sala de aula, e de diálogos com a Professora Cooperante, com a Professora de Apoio ao Estudo, assim como, com a turma. Durante as nossas lições, sentimos que diversas

crianças não estavam motivadas para estar na escola, e ao longo dos tempos, tentámos perceber o porquê de tal acontecer, e se tal, poderia ser mudado.

2.2. Descrição

2.2.1 - Normativos sobre Relação escola família

São diversos os normativos sobre o assunto da Relação escola família, que denotam desde o ano de 1974, altura da Revolução dos Cravos. A primeira legislação saiu no ano de 1976 e remota ao facto de existir uma relação entre a escola e a família, incentivando o ensino gratuito e obrigatório das crianças. Neste mesmo ano, saiu o Decreto-Lei nº 796-A/76, de 23 de outubro que invoca a importância da criação das Associações de Pais nas instituições escolares.

No ano de 1989, é proferido um Decreto-Lei nº 43/89, de 3 de fevereiro que dá o reconhecimento aos pais de se manifestarem sobre alguma avaliação que é feita aos seus filhos, assim como, de serem informados dos apoios de que eles se podem servir (apoio socioeducativo). No Despacho nº239/ME/93, de 20 de dezembro, é atualizada a Lei sobre as Associações de Pais. Três anos mais tarde, é dada uma responsabilidade maior aos pais, pois é-lhes permitido que deem autorizações por escrito aos seus educandos – Despacho nº22/SEEI/96, de 19 de junho. No ano de 1997, é permitido aos pais, a possível participação nos projetos educativos (Decreto-Lei nº147/97, de 11 de junho). Um ano mais tarde, por direito a voto, os pais participam num conjunto de órgãos administrativos escolares.

Ao longo dos anos, foram realizados diversos Despachos Normativos e Decretos-Lei e Leis, como fora observado, que visam a importância da participação das famílias na vida escolar dos seus educandos. A criação das Associações de Pais distendida a todos os níveis de Ensino foi algo que aconteceu durante os anos de 1976 até à atualidade.

2.2.2 – Retrato Escolar

Respondendo à questão dilema com que nos deparámos na prática pedagógica III, é previsível que a família é um ponto fulcral para um desenvolvimento importante da educação da criança, porque é a partir dela que as crianças encontram maior entusiasmo e motivação perante a escola. Havendo falta de cooperação por parte dos

parentes das crianças, muitas delas encontram-se desmotivadas na escola, achando que não precisam ser ensinadas e educadas diante determinadas situações, por exemplo, os valores.

Antes de abordarmos a importância da família na vida escolar das crianças, falamos da desmotivação/motivação das crianças, que parte, em muitos casos, da que existe no seu ambiente de casa, nomeadamente, partindo dos pais e irmãos (e/ou outros familiares). Uma criança, quando não sente o apoio dos seus entes mais próximos, dificilmente, encontra motivação para lidar com situações escolares, ou outras, no seu dia-a-dia. Para haver um bom desenvolvimento escolar é necessário que, em casa ou no meio familiar, exista apoio para que a criança se interesse pelas matérias lecionadas e aprendidas.

Segundo Estanqueiro (2010), “[A] motivação facilita o sucesso. Por sua vez, a conquista do sucesso reforça a motivação” (p.11), por isso, parte da família, mas também do aluno, de motivá-lo para a sua vida escolar, como para a sua vida futura social e pessoal. Não se torna fácil para uma criança estar atenta às aulas ou a qualquer tipo de atividade quando não tem motivação para o que futuramente vai realizar. É preciso transmitir-lhe força e explicar-lhe que a vida escolar é importante para o seu decurso pessoal, que é necessário aprender as regras básicas da leitura e de cálculo, entre outros conhecimentos que lhes irão ser úteis no seu quotidiano (conteúdos abordados em outras áreas curriculares).

Aos pais é reconhecido o direito inalienável de serem os primeiros educadores e a consequente obrigação irrenunciável de exercerem essa missão (Silva Nunes, 2004, p.33).

Educar é uma responsabilidade que parte daqueles que são os exemplos para as crianças, designadamente, dos pais/ irmãos ou um ser humano que, sendo mais velho, saiba transmitir o essencial dos valores e de uma boa educação. Apadrinhada a esta educação, vem a motivação de que os mais pequenos necessitam para que os seus resultados, o seu desempenho e a sua atividade, sejam positivos, dentro do meio escolar. A família é o principal mentor para a educação das crianças.

Partindo do dilema que encontramos dentro da sala de aula, achando diversos alunos desmotivados pelas matérias que estavam a ser lecionadas por nós, achámos

pertinente trabalhar a importância da educação e da família nas aprendizagens das crianças, no presente relatório. Aquando nos confrontámos com a situação apresentada, questionámos as crianças, em modo de diálogo, com quem e como é que realizavam os trabalhos de casa, ou outros materiais que eram pedidos fazer em casa, à qual (não digo maioria, mas certa parte) nos responderam que não o faziam, ou se o faziam, faziam-no sem qualquer apoio de um adulto (pais/ avós) ou de uma pessoa mais velha (irmãos/ amigos).

Diversas investigações confirmam que uma boa relação da escola com a família favorece o diálogo entre pais e filhos, reforça a confiança entre professores e pais, previne a indisciplina nas aulas e promove o rendimento escolar dos alunos (Estanqueiro, 2010, p. 111).

Não desfazendo o papel importante do qual a família tem, perante o decorrer do percurso escolar de cada criança ou jovem, pensamos que as crianças que respondiam que não faziam os trabalhos de casa ou que não tinham quem ajudasse, partia, de certa forma, da própria desmotivação das pessoas mais velhas. Alguns casos, derivavam da desmotivação por parte da família, que levava à desmotivação intrínseca da criança, que o mostrava dentro da sala de aula, dizendo que de nada lhe valia estar a aprender o que nós ensinávamos. Assim sendo, e achando fundamental, dialogámos com as crianças sobre a importância dos estudos na sua vida futura e da existência da família para a sua educação.

Não registando um caso concreto, pois eram diversos dentro da sala de aula, a atitude das crianças que se mostravam desmotivadas, no geral era idêntica: despreocupação pelas matérias que estavam a ser lecionadas; brincadeiras durante o tempo de aula; dormir durante a aula; chegar atrasado às aulas; más notas relativamente à restante turma; preocupação em saber quando era a hora do intervalo/ hora de almoço; mau comportamento durante o tempo de aula, que resultava, em muitos dias, de cara vermelha no Mapa de Comportamento; perturbação da restante turma; entre outras atitudes.

Muitos pais não participam na vida escolar dos filhos. Uns porque não sabem; outros, porque não podem; outros ainda, porque não querem (Estanqueiro, 2010, p.112)

Era visível, com algumas crianças, que havia participação da família na realização dos trabalhos que eram enviados para fazer em casa, ou de outro tipo de tarefas, mas em outras crianças, quando lhes era questionado o porquê de não fazerem algo, respondiam que os pais não podiam ajudar financeiramente ou não estavam disponíveis para tal. O mesmo aconteceu no início do ano letivo, em que eram pedidos que levassem para a sala diversos materiais, ao qual as crianças retribuíam que os pais não podiam financeiramente, como não queriam fazê-lo. Isto fez com que os materiais fossem disponibilizados por nós para a concretização dos trabalhos, e a responsabilidade partisse da nossa parte, do que da parte daqueles que estão a educar os seus filhos em casa.

A educação de uma criança parte dos pais como parte do professor em sala de aula, mas a cooperação dos pais, a participação destes nas atividades das crianças, como a sua presença em diversas festividades existentes na sala, facilitam a aprendizagem das crianças, como também as motiva a querer mostrar o bom que aprenderam ao longo de um determinado período.

Ao longo da intervenção foram propostos diversos trabalhos para realizar em casa, e algumas crianças, pelos motivos já apresentados, não levaram para a sala qualquer tipo de trabalho e outras, muito entusiasmadas, mostraram-nos e fizeram questão de os apresentar à restante turma. Era visível nas crianças que não realizaram uma tristeza profunda, porque sentiam-se inferiores aos colegas por não poderem participar com algo que fosse realizado por elas e pelos parentes. Para isso, o diálogo entre os professores e os pais é importante para que estes entendam o papel deles na educação dos seus filhos; o papel deles no crescimento dos seus filhos, assim como, o papel que eles têm para existir uma boa motivação das crianças para trabalhar dentro da sala de aula.

Importante é de referir que, para existir uma boa relação escola família, existem as Associações de Pais e Reuniões de Pais que permitem a transmissão de conhecimentos sobre o que vai ser realizado durante o ano pelas crianças e pela professora. As reuniões de pais possibilitam aos professores transmitir conhecimentos sobre o desenvolvimento escolar dos alunos e as associações de pais foram formadas para chegar a considerações importantes do que deve ser realizado na escola, assim como, arranjar possíveis intervenções dos pais em atividades extra curriculares.

2.2.3. Desenho de uma possível intervenção

Tendo em conta o dilema anteriormente referido e, de forma a apaziguar diversas situações que foram caricatas dentro da sala de aula, decidimos realizar atividades em que os pais tivessem uma forte participação.

Assim sendo, a primeira atividade consistiria no início do ano letivo, quando as crianças estariam a conhecer os membros da sua família. Pediríamos às crianças que, com ajuda dos familiares, recolhessem fotografias para realizar uma árvore genealógica da sua família. Os familiares que iriam ser abordados seriam os pais, os irmãos e os avós (caso ainda façam parte da família). O objetivo era que, com a construção da árvore, fosse possível pedir aos familiares fotografias destes, e informação sobre estas para que as crianças consigam apresentar oralmente à restante turma a sua árvore genealógica. Para complementar, seria enviado para casa um pedido (pelo professor), por cada criança, para que um familiar presencie a exposição do educando, ou até mesmo, para o ajudar na apresentação desta.

Uma outra atividade seria a participação dos pais na apresentação das suas profissões. É um tema que se aborda no segundo ano de escolaridade e as crianças tinham a possibilidade de mostrar à turma, a profissão dos seus pais. Não é necessária a colaboração dos dois familiares, mas pelo menos um, para que as crianças entendam que os pais participam na sua vida escolar ativamente. Assim sendo, seria pedido que os pais apresentassem a profissão; dissessem o que mais gostam/ não gostam nela; partilhassem experiências positivas que vivenciaram, e por último, mostrar alguns momentos (através de vídeo ou de elementos fotográficos) que viveram no seu trabalho (caso existam). Esta atividade ajudaria as crianças a ter um conhecimento mais profundo de diversas profissões, assim como, aumentar o seu vocabulário e a sua relação com os parentes e próprios colegas.

Para sumarizar este ponto do relatório, apresentamos um outro exemplo de atividade que poderia ajudar na interação escola família, com a participação dos pais em festividades ao longo do ano, organizadas pela professora responsável. É compreensível que, em muitas profissões e, em muitos casos, é impossível para os pais participarem neste tipo de tarefas, mas se o fizerem a pensar na evolução dos seus filhos, talvez o tempo seja o suficiente para conseguirem cooperar. Um exemplo, de uma festividade, poderia ser no Dia da Mãe ou do Pai, a realização de uma festa surpresa aos parentes,

em que as crianças, antecipadamente, escreveriam um texto para dedicar ao familiar e, no decorrer a festa, este texto seria lido a cada um. Assim, além de promover o gosto pela leitura e pela escrita, incute nos pais a participação ativa na vida escolar dos seus filhos, aumentando a sua motivação e gosto pela escola.

2.2.4. Proposta de Avaliação

Qualquer que seja a atividade realizada em contexto sala de aula/ na escola, esta é avaliada. Para as atividades e tarefas acima apresentadas, a avaliação consistiria em avaliar a participação das crianças nas tarefas pedidas; avaliar a linguagem oral e escrita das crianças, relativamente aos textos a caracterizar os parentes; avaliar o aspeto artístico das atividades artísticas propostas (árvore genealógica) e avaliar as composições escritas/ textos produzidos pelos alunos sobre os temas abordados.

2.2.5. Reflexão sobre a problemática

A família é um elo muito importante para o desenvolvimento escolar da criança porque os parentes são os primeiros educadores e participantes na sua vida. Os grandes exemplos das crianças são as pessoas com quem elas vivenciam os momentos essenciais da sua vida, como os pais, tornando-os um exemplo para elas. Isto, faz com que, estes sejam tão bem importantes, na motivação de que as crianças necessitam ao longo dos anos escolares. Partindo do pressuposto, que no ambiente familiar, não existe um clima que favoreça o desenvolvimento da criança, esta encontra a escola como algo desanimador, e não como um bem importante para o seu crescimento e desenvolvimento pessoal e social.

O envolvimento dos pais nos cenários que constituem o mundo da criança dá-lhes poder, dá-lhes influência e permite-lhes um conhecimento maior dos seus papéis e das suas competências para ajudarem os filhos a crescer de uma forma saudável. (Marques, 1997, p.30).

Concluído, é importante que os pais tenham consciência de que são importantes, e que têm um papel bastante ativo na vida dos seus filhos, ajudando-os a tornar-se em pessoas melhores e em cidadãos competentes para enfrentar os problemas que possam encontrar no seu dia-a-dia. Tão importantes, mas não tanto como os pais, existem os professores que presenciam às crianças momentos importantes e lhes proporcionam

ocasiões saudáveis de aprendizagem, respeito e socialização importantes para o seu desenvolvimento.

3. Conclusão

A nossa prática pedagógica no ano letivo 2011/2012 foi realizada numa escola pública – Escola n.º31 do 1º CEB - tendo como Professora Cooperante, a Professora Fátima Magro. Durante o terceiro semestre do presente Mestrado, a nossa prática incidiu em planear aulas para uma turma do segundo ano de escolaridade, de dezanove alunos de idades compreendidas entre os sete e os nove anos, tendo em conta o Programa Curricular estipulado para o 1º Ciclo, assim como, indo ao encontro dos conteúdos que a professora me indicava para trabalhar e os interesses/ gostos das crianças.

Desde o início do estágio, fomos bem recebidas pela turma que iria ser a turma com quem iríamos estagiar durante um semestre inteiro. O facto de existirem quatro dias de estágio, e tendo havido um período de observação, possibilitou-nos conhecer os alunos com que trabalhamos durante vários meses. Foi um estágio que, tal como na valência do Pré-Escolar, teve momentos positivos e menos positivos, que a nosso ver, nos ajudaram a melhorar a postura dentro da sala de aula perante os alunos e a Professora que cooperou.

Com a possibilidade de trabalhar com as crianças durante quatro dias, conseguimos abordar as diversas áreas de conteúdo, ajudando-nos a perceber no que deveríamos melhorar, no que deveríamos apostar e, como poderíamos fazer as atividades diversificando as aulas, tornando-as atrativas. Fomos apoiadas pela Professora Cooperante na elaboração das planificações, falando sempre no dia anterior o que iríamos realizar no dia seguinte, para que não nos “afastássemos” do pressuposto no Programa Curricular.

Gerir um grupo não é tarefa simples, especialmente quando os indivíduos que constituem esse grupo têm que cumprir tarefas que implicam concentração, esforço e empenhamento continuados e, ainda, em certa medida, cooperar com quem os gere. Gerir uma sala de aula é, por estas e por outras razões, particularmente difícil (Lopes, 2002, p. 107).

O maior entrave que encontrámos dentro da sala de estágio foi gerir o grupo de crianças porque, devido à problemática que acima referimos, diversas crianças estavam constantemente a perturbar a aula, o que nos dificultou, em diversas alturas, a

transmissão clara dos conteúdos a trabalhar. Para culminar esta situação, decidimos mudar a postura dentro da sala de aula, e dar maior ênfase ao Mapa de Comportamento, para que as crianças tivessem consciência da sua atitude nas diversas partes das manhãs: no tempo letivo e no recreio.

Em suma, a realização do estágio nesta valência possibilitou-nos conhecer o meio, como no estágio anteriormente realizado no Pré-Escolar. Tive igual preocupação da docente cooperante em acompanhar como estagiária, o que nos ajudou a desenvolver como futuras docentes. Tivemos momentos negativos, sobre os quais refletimos e tentámos “modelar” a atitude perante a turma, para não cometer os mesmo erros, tornando-nos, assim, bastantes críticas relativamente ao nosso trabalho.

CONCLUSÃO

No Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, tivemos a possibilidade de estagiar em duas valências distintas que entre si têm uma articulação.

A experiência em ambas as valências possibilitaram-nos crescer como estagiárias e enriquecer o nosso conhecimento sobre ambos os meios. Planificámos as atividades que a educadora e professora cooperantes nos propuseram e demos o nosso máximo na elaboração destas. Os estágios, em ambas as valências, proporcionaram-nos momentos vitoriosos como alunas e como estagiárias pois fizeram-nos crescer como, conhecer a articulação que existe entre os dois ambientes educativos, culminando com o mural que existe entre os educadores e os professores. Foi visível uma preocupação por parte das docentes que cooperaram connosco em nos ajudar nas intervenções.

Como refere Estanqueiro (2010), “[O]s bons professores dedicam-se ao ensino com entusiasmo” (p.121) e ao longo da nossa formação foi-nos proposto verificar que a carreira docente é muito importante na vida da criança, porque além dos pais, os professores e os educadores são bastante importantes no desenvolvimento destas. Isto porque, num meio escolar são ensinados muitos saberes que irão ser úteis para a vida futura de uma criança que se tornará cidadã na sociedade dos dias de hoje.

Com a concretização do Mestrado indicado permitiu-nos observar, como já referimos, a articulação que se faz entre as duas valências estudadas, percebendo que a vantagem de podermos vir a ser uma futura educadora e professora, é grande, no sentido que, conhecemos o desenvolvimento global de uma criança desde o seu nascimento até ao final de um ciclo de estudos, como o 1º Ciclo.

É uma mais valia adquirir a docência das duas valências, porque permite-nos acompanhar crianças desde tenra idade até ao final do 1º Ciclo, como já fora dito, assim como, partilhar momentos importantes e trabalhar com as crianças. A profissão docente sempre foi uma profissão com que nos identificámos e, o facto termos tido a possibilidade de estagiar nas duas valências, permitiu-nos conhecer melhor as nossas pessoas.

Em suma, como aprendizes e ensinantes, verificamos o quão importante é aprender, assim como, ensinar. Aprender a ensinar foi algo que nos desenvolveu como

futura docente, e ensinar a aprender foi um aspeto que queríamos que nos fosse inculcado para que, mais tarde, pudéssemos fazê-lo autonomamente frente às turmas com que nos encontraremos a trabalhar.

BIBLIOGRAFIA

- ARENDS, R. (1995). *Aprender a Ensinar*. McGraw-Hill.
- BARROS, M., GOES, A., PEREIRA, A. (2007). *Educar com Sucesso – Manual para Técnicos e Pais*. Lisboa: EPIS.
- ESTANQUEIRO, A. (2010), *Boas Práticas na Educação – O papel dos Professores*; 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença.
- HOHMANN, M. & WEIKART, D. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LOPES, J. (2002). *Problemas de Comportamento. Problemas de Aprendizagem. Problemas de “Ensinação”*. 2ª Edição. Coimbra: Quarteto Editora.
- MARQUES, R. (1997). *A Escola e os pais – como colaborar?*. 5ª Edição. Lisboa: Texto Editora.
- MARUJO, H., NETO, L., PERLOIRO, M. (1998). *A Família e o Sucesso Escolar*. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2006). *Organização Curricular e Programas*. 5ª Edição. Ministério da Educação.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2007). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. 3ª Edição. Ministério da Educação.
- MORGADO, J. (1999). *A Relação Pedagógica*. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença.
- NUNES, T. (2004). *Colaboração Escola-Família - Para uma escola culturalmente heterogénea*. Porto: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- OLIVEIRA, J. (2007). *Psicologia da Educação – 1º Volume Aprendizagem- Aluno*. Legis Editora/ Livpsic.
- PAPALIA, D., OLDS, S. & FELDAMAN, R. (2001). *O Mundo da Criança*. McGraw-Hill;
- PINTO, R. (2007). *Educação – Meios e Educação*. Porto: Porto Editora.
- SIRAJ-BLATCHFORD, I. (2004). *Manual de Desenvolvimento Curricular para a Educação de Infância*. 1ª Edição, Texto Editores.

SPRINTHALL, N. & SPRINTHALL, R. (2001). *Psicologia Educacional*,
McGraw-Hill.

ANEXOS